

O bebê, a música e a infância: a música no ambiente familiar

GTE 10 – Educação Musical na Infância

Comunicação

Vinícius Carlos Pereira
Universidade Federal de Minas Gerais
v.carlosbass@hotmail.com

Angelita Broock
Universidade Federal de Minas Gerais
angelbroock@gmail.com

Resumo: Mediante a várias questões sobre musicalização infantil, principalmente direcionada aos bebês, apresenta-se neste artigo um recorte de uma monografia sobre o repertório oferecido para as crianças no ambiente familiar. O intuito deste trabalho foi compreender como é feito o uso da música em casa com crianças da primeiríssima infância, incluindo as preferências musicais das crianças e seus cuidadores, quais os momentos em que a música é utilizada no cotidiano das crianças, qual o repertório escolhido pelos cuidadores e quais as experiências musicais e culturais dos que convivem com a criança. Essa pesquisa contou com a colaboração de pais e mães voluntários que tivessem crianças de 0 a 3 anos de idade, por meio de um formulário online. Este trabalho buscou embasamento teórico na área da sociologia da infância, psicologia e desenvolvimento cognitivo da primeiríssima infância e produção musical para criança. Os dados obtidos foram analisados, traçando um caminho para identificar pontos sobre a cultura infantil e discutir sobre as finalidades e objetivos da música na infância, como também, as capacidades musicais das crianças e bebês. Desta forma, este trabalho buscou refletir sobre a importância da ação familiar no processo do desenvolvimento musical infantil e no papel do educador musical na influência da cultura familiar e na contribuição da cultura lúdica. As respostas obtidas apontaram que o canto e o brincar estão presentes no dia a dia das crianças, e que as crianças demonstram reações e preferências a um repertório variado, incluindo músicas infantis e músicas do universo adulto.

Palavras-chave: Música em casa, Repertório, Musicalização Infantil

Introdução

Antes de iniciarmos este texto, gostaríamos de convidá-lo à reflexão: quando você pensa nas memórias afetivas da sua infância, você consegue lembrar de músicas que seus pais, tios ou avós cantavam para você ou com você? Se sim, que músicas eram essas? E em quais momentos elas estavam presentes? [...]

O trabalho aqui apresentado é um recorte de uma monografia intitulada *O bebê, a música e a infância: A música no ambiente familiar*. A presente pesquisa nasceu de uma inquietação em uma disciplina da Universidade Federal de Minas Gerais sobre Música Infantil e Produção Cultural, onde surgiu o questionamento do que as pessoas entendem por música infantil. Então, foi realizado um *Survey* para compreender como é feito o uso da música em casa com crianças da primeiríssima infância (0 a 3 anos), incluindo as preferências musicais das crianças e seus cuidadores, quais os momentos em que a música é utilizada no cotidiano das crianças, qual o repertório escolhido pelos cuidadores e quais as experiências musicais e culturais dos que convivem com a criança.

Para compreender e analisar as repostas dos participantes, este trabalho buscou parâmetros em algumas pesquisas da sociologia da infância, psicologia e desenvolvimento cognitivo da primeiríssima infância e produção musical para criança (ILARI, 2002, 2005, 2009; PINTO 1997; SARMENTO, 2004; MAFFIOLETTI, 2013; BEINEKE, 2008).

A Criança e a Música

Os pais são os principais agentes na construção das experiências musicais das crianças (BRITO, 2003; ILARI, 2002, 2009). Há um mito de que os bebês são uma *tabula rasa*, no entanto, pesquisas demonstram que, antes de nascerem, os pequenos são ouvintes competentes (ILARI, 2002, 2005) e produzem sua própria forma de fazer e perceber a música, dentro da cultura na qual estão inseridos.

No entanto, a infância vem sendo idealizada a partir de interesses mercadológicos e da indústria cultural (PINTO, 1997). Sobre o mercado cultural infantil, Carvalho (2019) afirma:

O mercado consegue estabelecer uma relação empática com as crianças e criar jogos e brinquedos com alto valor simbólico para elas, distanciando-se do desejo e da potencialidade da fruição infantil (CARVALHO 2019, p.1).

Segundo Pinto (1997), o mercado capitalista pós-segunda guerra começou a idealizar o que seria a infância. Isso afetou também a indústria cultural. De acordo com o autor, a infância não surgiu por ela mesma, muito menos pela potencialidade que ela tem. Logo surgiram formas estereotipadas na forma do vestir, do brinquedo, na música, na literatura etc. (PINTO, 1997).

Etnologicamente, a palavra infância provém do latim *infantia*, do verbo *falar* (fari), do particípio presente *falante* (fan), e da negação (in). Isso quer dizer, infância é aquele que não fala, que não adquiriu a linguagem articulada de sua própria cultura. (PAGNI, 2010, p 100). No entanto, sabemos, hoje, que a criança também é um ser social, que tem capacidades para expressar suas próprias opiniões e que uma boa forma para trabalhar com elas é partindo do que elas mesmas são (BEINEKE, 2008). A cultura da infância se faz com a do adulto, e entre as crianças, da mais velha com a mais nova (BEINEKE, 2008; SARMENTO, 2004). A infância se reinventa das vivências em conjunto, do mais experiente, que repassa os ensinamentos para a mais nova (SARMENTO, 2004)

Uma boa forma de entendermos a atual cultura da infância é saber o que as crianças escutam em casa, no que se refere ao repertório musical (BEINEKE, 2008). A ‘música infantil’ e suas concepções podem nos dar um norte para o que se pensa o que é infância pela indústria cultural (SARMENTO, 2004), e como os pais aderem isso para dentro dos seus lares quando se tem uma criança (ILARI 2002). A forma pela qual as crianças se envolvem com a música é um caminho para entendermos o que é a infância (MAFFIOLETTI, 2013) e a maneira com que a criança se relaciona com a música pode revelar qual é a forma que ela enxerga o mundo (BRITO 2003).

A relação com sons e música começa mesmo antes do bebê nascer, pois de acordo com Ilari (2002), na trigésima segunda semana de gestação, o feto já consegue ouvir bem dentro da barriga da mãe. O bebê, dentro do útero materno, consegue ter acesso ao universo rico de sons internos como da placenta, dos líquidos uterinos, e pequenas alterações de caráter expressivo e contorno melódico da fala e canto da. Por essa razão, com três dias de vida após o nascimento, os bebês têm preferência pela voz materna a de outras vozes. Além disso, os bebês têm capacidade de reconhecer histórias, rimas e parlendas e canções que foram faladas e cantadas durante a gestação (ILARI 2002, 2009). Para Brito (2003), o desenvolvimento musical dos bebês começa ainda na fase intrauterina, pois a parte interna da mãe é cercada por sons, como o fluido da circulação sanguínea, respiração e vísceras. E mais do que isso, a voz materna ressoa em todo corpo, atingindo de tal modo o útero. Portanto, a voz materna torna-se algo especial para o bebê no processo de gestação.

Quando se trata sobre desenvolvimento musical do bebê, é importante se pensar que ele ainda irá se adaptar com a cultura que o cerca. A afirmação é reforçada por Sloboda

(2008), que diz que as habilidades musicais dos bebês são adquiridas conforme a interação com o meio musical. Ela acontece por meio de uma cultura preexistente/ação cultural. O desenvolvimento humano acontece “a partir daquilo que já é presente”, sendo algumas habilidades comuns a todos os humanos nos primeiros meses de vida (SLOBODA, 2008).

Nos contextos em que há música como parte intensiva do cotidiano, ela tem como base a afetividade e serve como linguagem de compreensão e intenções do outro (MAFFIOLETTI, 2013). As relações com a música, como aprendizado desses parâmetros, pode estar ligada à afetividade, como nos casos em que a música serve como uma linguagem afetiva e comunicativa entre o adulto e a criança (MAFFIOLETTI, 2013; ILARI 2002)

Para Beineke (2008) e Ilari (2009), pelo fato de pais e professores acharem que a música carrega em si valores e ideologias e por acreditarem que ela pode ser nociva aos ouvidos, quando se trata de gêneros e estilos, acabam limitando o repertório oferecido à criança. Ou ainda sim, direcionam o repertório, na hipótese de que existe algo apropriado para cada idade. Outro fator é o mito de que crianças não têm capacidade para ouvir determinadas músicas, por serem “complicadas” (BEINEKE 2008, ILARI, 2009). Ilari (2009) comenta sobre bebês que já crescem imersos na música, como nas famílias sambistas, que mesmo tendo um ritmo complicado, a criança se desenvolve naturalmente nesse meio e futuramente, podem se tornar ótimos músicos, impregnados de nuances próprias do estilo.

Segundo Beineke (2008) o adulto não é dispensável, pelo contrário, é essencial na construção social das brincadeiras, e que exerce influência desde o nascimento “[...] é preciso romper com o mito da brincadeira como natural e considerar que a criança está inserida num contexto social desde o nascimento. ” (BEINEKE, 2008, p. 2)

SARMENTO (2004) acredita que o aprendizado dos jogos, brincadeiras são passadas da criança mais velha para a mais nova:

O tempo recursivo da infância tanto se exprime no plano síncrono, como a contínua recriação das mesmas situações e rotinas como plano diacrónico, através da transmissão de brincadeiras, jogos e rituais das crianças mais velhas para as crianças mais novas, de modo continuado e incessante, permitindo que seja toda a infância que se reinventa e recria, começando tudo de novo (SARMENTO, 2004, p. 18)

Beineke (2008), sobre a cultura lúdica das crianças, afirma que ela surge no próprio jogo compartilhado de uma para outra, assim “produzindo suas próprias significações em interação com as significações atribuídas pelos outros jogadores” (BEINEKE, 2008, p. 2).

Carvalho (2019) reflete que a criança é decisiva no seu próprio processo de socialização, tendo um papel importante na construção da cultura. Portanto, deve-se pensar na criança como sujeito protagonista no diálogo com o adulto e com outras crianças.

Assim, entendemos a criança como um ser extremamente competente e crítico, um ser social capaz de expressar suas opiniões e um agente construtor de cultura na relação com seus pares.

Metodologia

O objetivo deste estudo foi compreender como é feito uso da música no ambiente familiar e que tipo de repertório é usado. Para coletar os dados pretendidos, foi elaborado um formulário online destinado a mães e pais de crianças de 0 a 3 anos, que ficou disponível para preenchimento no mês de janeiro de 2021. A divulgação do formulário foi feita por meio das redes sociais (WhatsApp, Instagram, Facebook etc) e a participação deu-se de forma livre, em que qualquer pessoa que tivesse crianças da faixa etária especificada no formulário de pesquisa pudesse participar.

As questões do formulário¹ foram organizadas em 7 seções, a saber: (1) Informações gerais; (2) Experiência musical dos que convivem com a criança; (3) Cultura musical; (4) Preferência musical (5) Criança; (6) Os pais e a música; (7) Espaço aberto (para comentários gerais).

Obteve-se respostas de 115 participantes voluntários e alguns destes resultados serão apresentados e discutidos neste trabalho. Para alcançar os objetivos desta pesquisa, optou-se por uma análise de natureza qualitativa. De acordo com Creswell:

Pesquisa qualitativa é um tipo de pesquisa educacional na qual o pesquisador se baseia na visão dos participantes; faz perguntas amplas e gerais; coleta dados que consistem basicamente de palavras (ou texto) dos participantes;

¹ A elaboração das perguntas teve como base o questionário aplicado na pesquisa de mestrado “A Abordagem PONTES na Musicalização para crianças entre 0 e 2 anos de idade” (BROOCK, 2009).

descreve e analisa essas palavras por temas; e conduz a sua investigação de maneira subjetiva e parcial (CRESWELL, 2008, p. 46)

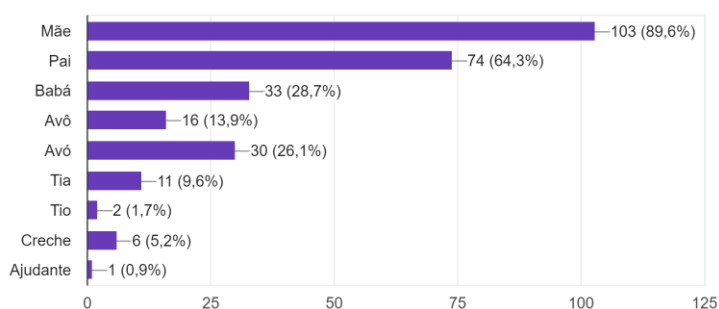
Resultados

De forma geral, foi possível perceber, através das respostas dos participantes da pesquisa, que a música se faz presente no cotidiano das crianças de diversas formas e que os pais tem uma preocupação com o repertório que oferecem para elas. A seguir traremos um recorte do estudo com algumas das questões aplicadas no formulário.

Em relação a quem cuida da criança, percebe-se no gráfico abaixo que várias pessoas assumiam essa função, sendo que: 89% incluíam as mães, 64% incluíam os pais, e 28,7% incluíam babás. A babá ficou em terceiro lugar, antes mesmo de alguns parentes da criança como a avó ou avô, ou mesmo, tio e tia. A creche ficou com nível baixo de respostas, mas podemos considerar que, como este questionário foi feito em um período de pandemia, isso pode ser reflexo do isolamento social. Destacamos, portanto, a presença das mães e dos pais no cuidado com as crianças.

Gráfico 1: Quem cuida da criança

18) Quem cuida da criança?
115 respostas

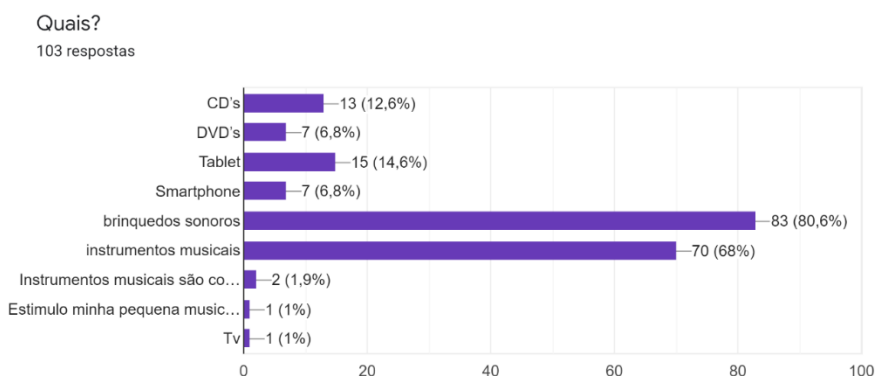


Fonte: próprio autor

Noventa e nove participantes da pesquisa disseram que suas crianças possuíam artigos musicais próprios. Dentre eles pode-se destacar a grande presença de brinquedos sonoros (80,6%) e instrumentos musicais (68%). A questão mercadológica para os brinquedos, entre eles, que envolvem música, aparentemente, é algo bem presente entre os participantes. Mas o que nos chamou a atenção é fato de 15 crianças já possuírem tablets próprios e 7 crianças já possuírem smartphones, como pode ser visto no gráfico abaixo. Embora não tenha

sido perguntado quanto tempo as crianças ficam expostas às telas, é possível dizer que o fato das crianças possuírem os dispositivos eletrônicos vai na contramão das recomendações da Sociedade Brasileira de Pediatria, que recomenda que crianças de até dois anos não sejam expostas às telas nem de forma passiva, e que crianças entre dois e cinco anos tenham um limite de uma hora por dia com o uso de eletrônicos².

Gráfico 2: Artigos próprios das crianças



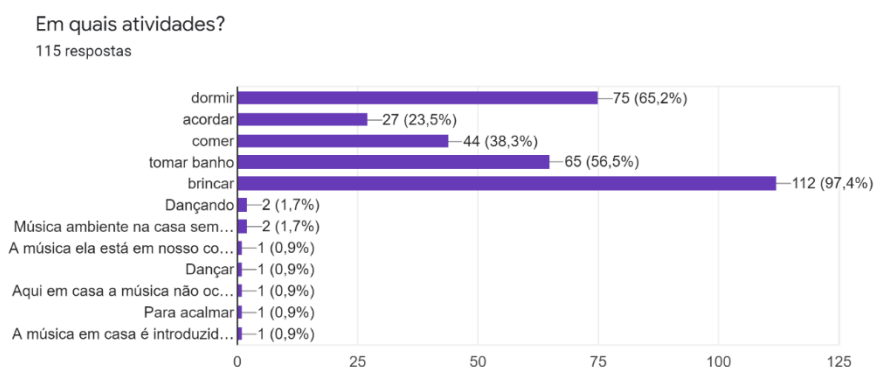
Fonte: próprio autor

Quando perguntados se utilizam música com os bebês, 114 participantes (99,1%) responderam que sim, enquanto apenas um respondeu que não. Dentre as atividades em que a música está mais presente no cotidiano das crianças, a atividade de brincar apareceu em 112 das respostas e a atividade de dormir em 75. Em diversas culturas do mundo, as mães utilizam a música para acalmar seus bebês, embalando-os com canção de ninar ou acalantos. A música nesse período do desenvolvimento do bebê é importante, pois além de servir de estímulo ao sono ainda serve para o seu entretenimento (ILARI, 2002). Além disso, algumas mães cantam de maneiras muito particulares aos seus bebês, geralmente com a finalidade de demonstrar amor e afeto. Segundo Ilari (2005), o desenvolvimento cognitivo-musical normalmente está associado a diversas funções psico-sociais como comunicação, inclusive de emoção, entre crianças e adultos. Um dos fatores que diferencia as canções de ninar e de brincar é o andamento. Canções de brincar são geralmente mais rápidas, pois servem para estimular brincadeiras, contendo em suas letras jogos de palavras e sugestões de

² <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sbp-atualiza-recomendacoes-sobre-saude-de-criancas-e-adolescentes-na-era-digital/>

movimentos, auxiliando a percepção auditiva, a coordenação motora, a sociabilidade, a linguagem e a musicalidade do bebê. Já as canções de ninar são geralmente mais lentas, pois servem exclusivamente para acalmar o bebê e estimular o sono (ILARI,2002). Além das atividades de brincar e dormir, outras atividades foram citadas, conforme é possível ver no gráfico abaixo:

Gráfico 3: Atividades em que a música está presente



Fonte: próprio autor

Quando questionados se cantavam para as suas crianças, os resultados se diferenciaram entre mães e pais, sendo que: 100 mães disseram que sim, enquanto 5 disseram que não e 75 pais disseram que sim, enquanto 36 disseram que não. Em um estudo, Trehub e colegas (1997, citado em ILARI, 2006) compararam o canto direcionado ao bebê por pais e mães canadenses. Os resultados sugeriram que as mães costumavam cantar as canções estereotipadas, simples e normalmente conhecidas e cantavam com certa regularidade. Já os pais cantavam músicas mais complexas, inventadas e nem sempre infantis, e não havia regularidade. Contudo, os pesquisadores notaram o mesmo tipo de envolvimento, afetividade e expressividade nos cantos maternos e paternos. Assim como no estudo de Trehub, foi possível perceber que as mães participantes desta pesquisa cantavam com mais regularidade que os pais.

Sobre o repertório escolhido para cantar com as crianças, a maioria das respostas foi ao encontro de um senso comum, como: música infantil, música de ninar, folclórica ou de algum artista que faz música para as crianças. Os motivos para a escolha deste repertório foram diversas, incluindo: motivos religiosos, sugerindo que a música é uma ferramenta de

doutrinação para a infância, e até mesmo algo que fosse educativo. De certa forma, há uma “pedagogização” da brincadeira, às vezes perdendo seu caráter de experiência significativa, sendo reduzida a atividades dirigidas (BEINEKE, 2008). Beineke (2008) diz que as brincadeiras pedagógicas aproveitaram o brinco tradicional infantil para uso na aprendizagem de alfabetização, jogos de matemática ou de memória, como recurso de aprendizagem prazerosa, como se o próprio do brincar não tivesse uma aprendizagem em si. A autora reforça que brincadeiras e jogos são essenciais para o aprendizado infantil quando são usados de forma livre. Alguns participantes já refletem o processo da escuta de sua criança. O quadro a seguir concebe algumas dessas respostas:

Tabela 1: escolha do repertório

Eu não escolheria rap então eu canto música infantil	Por que acalma ela para dormir e distrai quando esta chatinha/entediada	Na verdade, coloco as músicas e observo as reações dele, assim consigo visualizar sua preferência
Inscrição e pertencimento cultural, afeto, sentido, ética e estética são, portanto, os principais fatores que mobilizam nossas escolhas.	Porque é o mais adequado para o desenvolvimento dele e porque queremos que ele cresça aprendendo verdades.	Intuitivo, sem objetivo
Repertório atual	Porque ela gosta e aprende na escolinha.	Escolho principalmente pelo caráter educativo
Achamos apropriado para idade	Músicas com letras fáceis	São divertidos e remetem a atividade

Fonte: próprio autor

Quando perguntamos se os pais e mães tinham procurado aprender músicas para cantar com sua criança, das 113 respostas, 92 responderam que sim e 21 responderam que não. Nas respostas, tanto pais como mães, quase unânimes, responderam que as músicas que aprenderam eram de artistas que criam conteúdos para infância ou músicas do repertório tradicional da infância, e alguns de caráter religioso. Nota-se, portanto, que a maioria dos pais e das mães se preocupam e se esforçam em aprender músicas para seus pequenos, sugerindo,

portanto, que a música tem um papel importante na infância, na relação familiar e na relação do ideário também – cultural, pedagógico ou religioso.

Quando perguntamos aos pais sobre alguma reação diferenciada da criança ao ouvir determinada música, o repertório que se destacou é diferente do repertório que os pais citaram anteriormente. Pois, apesar de aparecerem “músicas infantis”, diversas músicas do “repertório adulto” foram citadas. Podemos sugerir, portanto, que essa pergunta é a que mais corresponde ao gosto musical da criança. Aqui podemos perceber que a criança não percebe somente o que é nomeado música infantil:

Tabela 2: Reações das crianças

Música:	Reação da criança:
Anunciação (Alceu Valença)	Começa a gritar eufórico: “olha, mamãe, tu vens”.
Quero ir mais fundo (Gabriela Rocha)	Acompanha e faz o agudo da Gabriela com muita força, levanta as mãos e fecha os olhos.
Playlist chamada "crazy frog"	pula loucamente.
Pump at the jam (Technotronic)	Ela adora, fica agitada sempre que escuta.
Arerê (Ivete Sangalo)	Ele pede pra colar essa música, ele pula muito dança bastante (todos os dias)
Força estranha (Caetano Veloso)	Emociona.
Iron man (Black Sabbath), stairway to heaven (Led Zeppelin)	Empolga-se muito!

Fonte: próprio autor

Outro fato interessante foi quando pedimos aos pais para falarem sobre músicas que eles lembravam de quando eram crianças. Da mesma forma, surgiram músicas de diversas categorias e não apenas as “músicas infantis”, mas também, músicas religiosas, culturais, do repertório de rádio etc., conforme pode ser visto na tabela abaixo:

Tabela 3: Memórias de infância das mães e dos pais

Mãe	Pai
Lembro de mamãe cantando Maria Bethânia, mas não para mim, No carro enquanto dirigia.	Devo minha vida musical ao meu pai. Foi ele que me apresentou de tudo, do brega à MPB, do Rock à Música Erudita. Ele está

	sempre ouvindo ou cantando alguma música. Lembro que ele cantava muitas músicas do Raul Seixas (que eu também adoro).
De um modo geral, ela adorava Roberto Carlos. Não lembro de uma específica, até hoje ela adora cantar.	Na verdade, meu pai não cantava para mim. Ele escutava muita música e eu sabia cantar todas as músicas que ele escutava. Como Nossos Pais, Coração de Estudante, Rosa de Hiroshima, Cálice, algumas do Morais Moreira e outras. Com 5 anos já sabia cantar todas elas.
Canções de ninar.	Trechos de opera.
Quando te vi - Simony / Pequeno mundo - Moacir Franco.	Tarde em Itapoã.
Músicas francesas, como J'aime la gallette, frère jacques, (eu nasci na França e morei até os 3 anos).	As dos anos 70 que o pai escutava.
Músicas do cantor cristão (Hinário da igreja Batista).	Não meu pai, mas meu avô materno. Cantava "Carinhoso".
Tom Jobim.	Folclóricas infantis.

Fonte: próprio autor

Pode-se perceber, portanto, que a música tem estado presente no cotidiano das crianças de formas variadas. É possível afirmar, portanto, que, ainda que os pais demonstrem uma preocupação em escolher um repertório produzido para infância, as reações dos pequenos e as memórias dos pais apontam para o fato de que, de forma geral, as crianças gostam de música pela música, e não apenas das músicas produzidas para elas. Isso reforça que devemos oferecer às crianças o repertório mais diversificado possível, para que elas possam ser nutridas musicalmente das formas mais variadas possíveis.

Conclusões

Trabalhar repertório, refletindo sobre a cultura da infância é algo tão necessário quanto se pensar nos processos pedagógicos do aprendizado musical. Além disso, o aprendizado musical não está presente somente nos ambientes onde há profissionais da educação musical. O processo de aprendizagem musical pode ocorrer de forma intuitiva em

ambientes que são sonoros e estimulantes. Isso quer dizer que quanto mais possibilidade de exploração sonora o bebê e a criança tiverem dentro de casa, mais sobre música ele irá aprender. Então cabe ao educador musical mostrar aos pais a importância que eles têm na experiência musical da criança no dia a dia. O desenvolvimento da musicalidade da criança, pode estar na rotina dos pequenos e o incentivo à descoberta da música pode vir de dentro dos lares.

Portanto, uma sugestão para o educador musical é incentivar os pais a brincarem com suas crianças. As brincadeiras tradicionais são uma opção de repertório rico e diverso, que carrega em si valores e conhecimentos passados de geração a geração, e é parte do universo das crianças. E a partir das brincadeiras, intuitivamente, vem o desenvolvimento musical. Além disso, o brincar desenvolve uma comunicação afetiva entre adultos e crianças. Incentivar os pais e mães a cantarem para os seus bebês e crianças, e a brincarem com eles de forma direcionada e livre é uma possível forma de aprendizado. Além disso, tomando como base o fato de as crianças serem ouvintes competentes e sofisticados, o repertório oferecido a elas deve ser o mais diverso possível, incluindo as músicas que os pais, avós e familiares das crianças ouvem, músicas de diversos estilos e períodos, músicas de manifestações culturais, músicas de outras etnias e assim por diante. Assim, os pequenos terão todas as chances de se tornarem ouvintes críticos e conhecedores de um repertório amplo e diversificado.

Para finalizar, gostaríamos de retomar a reflexão sugerida no início deste texto. E então? Conseguiu resgatar alguma memória afetiva com interações musicais da sua infância? Eram músicas “para crianças” ou músicas “para adultos”? Estamos curiosos para saber!

Referências

BEINEKE, Viviane. *Culturas infantis e produção de música para crianças: construindo possibilidades de diálogo*. Congresso em Estudos da Criança? Infâncias Possíveis Mundos Reais. Universidade do Minho, Portugal, em fevereiro de 2008.

BRITO, Teca Alencar. *Música na Educação Infantil: Propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003. 204 p.

BROOCK, Angelita Maria Vander. *A Abordagem PONTES na musicalização para crianças entre 0 e 2 anos de idade*. 166f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

BROOCK-SCHULTZ, Angelita Maria Vander. *Formação de professores para a educação musical infantil: o papel da extensão universitária*. 2013. 182 f. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013;

CARVALHO, Anderson. *As concepções de infância: implicações para a Educação Musical*. XXIV Congresso da Associação Brasileira de Educação Musical. Educação Musical em tempos de crise: percepções, impactos e enfrentamentos. Campo Grande/MS - 11 a 14 de novembro de 2019.

CRESWELL, John W. *Educational research: Planning, conducting, and evaluating quantitative*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2008.

ILARI, Beatriz Senoi. *Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida*. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 7, 83-90, set. 2002.: P. 83-90.

ILARI, Beatriz. *A música e o desenvolvimento da mente no início da vida: investigação, fatos e mitos*. Revista eletrônica de musicologia, Volume IX - Outubro de 2005.

ILARI, Beatriz. Desenvolvimento cognitivo-musical no primeiro ano de vida. In: ILARI, Beatriz (org) *Em busca da mente musical, Ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção*. p. 271-302. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006

ILARI, Beatriz. *Música na infância e na adolescência: um livro para pais, professores e aficionados*. Curitiba: Ibpex, 2009 – (Série Educação Musical).

MAFFIOLETTI, Leda. Significações que possibilitam a compreensão musical. In: ILARI, Beatriz, BROOCK, Angelita (orgs). *Música e educação infantil*. Campinas, SP: Papyrus, 2013. P. 123-145.

PAGNI, Pedro Angelo. *Infância, Arte de Governo Pedagógica e Cuidado de Si*. Educ. Real. Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 99-123, set./dez., 2010. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em Educação e Música*. Porto Alegre: Sulina, 2020. 199 p.

PINTO, Manuel. *As crianças: contextos e identidades*. In: PINTO, Manuel; SARMENTO. *A infância como construção social*. Portugal: Universidade do Minho. 1997. P 33-73.

SARMENTO, M. J. *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*. In M. J. Sarmiento & A. B. Cerisara. *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto, Portugal, Asa, 2004

SLOBODA, John A. *A mente musical: Psicologia da música*. Tradução de Beatriz Ilari e Rodolfo Ilari. Londrina: EDUEL, 2008.